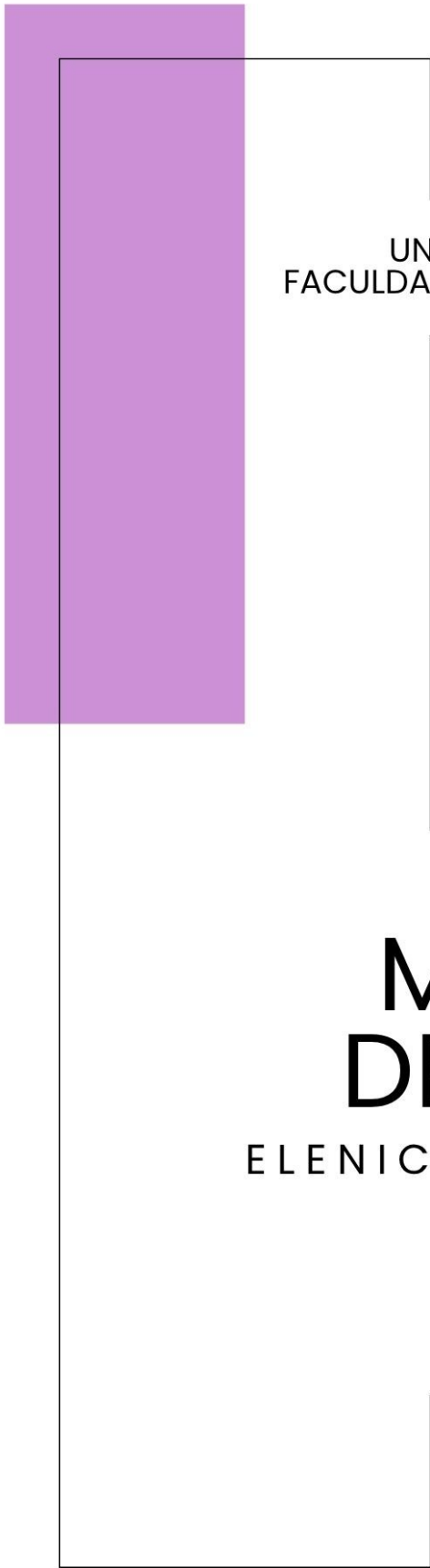




UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

MEMORIAL DESCRITIVO

ELENICE MARIA CASARTELLI

UBERLÂNDIA-MG
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

MEMORIAL DESCRITIVO

ELENICE MARIA CASARTELLI

Memorial apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Uberlândia como parte das exigências para a promoção para a Classe D, Professor Titular, da carreira do Magistério Superior.

UBERLÂNDIA-MG

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C335m Casartelli, Elenice Maria, 1977-
2026 Memorial Descritivo [recurso eletrônico] / Elenice Maria Casartelli.
-- 2026.

Memorial Descritivo (Professor Titular) -- Universidade Federal de
Uberlândia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.pt.2026.11005>
Inclui bibliografia.

I. Professores universitários - Formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário(a)-Documentalista - CRB-6/3408

Nenhum caminho é percorrido sozinho. Somos nutridos por uma vasta rede de relações. Família, amigos, professores, colegas, alunos e técnicos compõem o alicerce que sustenta cada passo dessa trajetória.

Há também aqueles que amparam o curso da vida nos bastidores, em todas as suas dimensões, permitindo a fluidez do cotidiano e da própria existência. Somam-se a eles os animais, que, neste contexto, se fazem objetos de estudo, sem que se perca a compreensão de que nada existe de forma isolada.

Toda essa rede desperta a consciência profunda da nossa conexão com o aspecto sensível da vida.

O percurso registrado neste memorial é um testemunho de uma existência que só se faz possível na interdependência com cada um desses seres, afetos e circunstâncias.

E, ao longo das lembranças revisitadas na construção deste documento, tenho a oportunidade de ser-lhes grata e os honrar em meu coração.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.*

*Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.*

Caminhante, são teus passos
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
o caminho se faz ao andar.

Ao andar se faz o caminho,
e ao olhar para trás
vê-se a trilha que jamais
se voltará a pisar.

Antonio Machado
Campos de Castilla

APRESENTAÇÃO

Este Memorial Descritivo Acadêmico é apresentado como requisito para promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme Resolução nº 3, de 9 de junho de 2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (Universidade Federal de Uberlândia, 2017). Segundo esta Resolução, o memorial deve demonstrar efetiva dedicação institucional ao ensino, extensão, pesquisa ou gestão, atuando, obrigatoriamente, no ensino e na extensão ou no ensino e na pesquisa, seguindo os artigos 2º e 3º da Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013 (Brasil, 2013).

Ressalta-se que a documentação comprobatória ao longo de toda a carreira docente já se encontra instruída e validada nos processos administrativos de progressão e promoção anteriores, representados pelos processos digitais SEI números 23117.064011/2025-72 (2023 a 2025), 23117.072211/2023-37 (2021 a 2023), 23117.061322/2021-56 (2019 a 2021), 23117.066856/2019-54 (2017 a 2019), assim como nos arquivos físicos do SEARQ-UFU para o período de 2009 a 2017, compreendendo toda atuação como docente de Instituição de Ensino Superior.

RESUMO

Este Memorial Descritivo foi elaborado como um dos requisitos para promoção à Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Uberlândia. O documento apresenta a trajetória acadêmica e profissional desenvolvida ao longo de 17 anos de atuação no ensino superior, contemplando a formação acadêmica, a inserção na carreira docente e as atividades desenvolvidas no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão universitária. A trajetória foi organizada em cinco eixos temáticos, que se iniciam nos capítulos *Formação e as escolhas que levaram à carreira docente e Início da trajetória acadêmica como docente na universidade pública*, e se desenvolvem até a *Construção institucional e gestão acadêmica, Articulação com a sociedade e a extensão universitária e Docência, formação de estudantes e pesquisa*. Os capítulos se complementam com uma *Síntese gráfica da trajetória acadêmica*, uma vez que o texto não tem uma linearidade temporal única, estando estruturado em eixos. A partir da releitura desse percurso, o memorial se encerra com os capítulos de *Reflexões sobre a prática docente e Perspectivas e continuidade*, nos quais são apresentadas interpretações sobre o percurso desenvolvido e os direcionamentos para a continuidade da atuação docente na Universidade Federal de Uberlândia.

Palavras-chave: carreira docente, universidade pública, magistério superior

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACE – Atividade Curricular de Extensão

AMUR – Ações para Mulheres Rurais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCA – Centro de Ciências Agrárias

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONGRAD – Conselho de Graduação

CONSUN – Conselho Universitário

DIPED – Divisão de Projetos Pedagógicos

EBA – Estudos em Bem-estar Aplicados

FAU – Fundação de Apoio Universitário

FAMAT – Faculdade de Matemática

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo

FCAV – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

FMVZ – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia

GEBEA – Grupo de Estudos em Bem-estar Animal

IQUFU – Instituto de Química

Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LABAN – Laboratório de Bromatologia e Nutrição Animal

LAPRA – Laboratório de Processamento de Rações

MAPA – Ministério da Agricultura e Pecuária

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

NDE – Núcleo Docente Estruturante

PEIC – Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade

PET – Programa de Educação Tutorial

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SEBOL – Setor de Bovinocultura de Corte

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

PROEXC – Pró-reitoria de Extensão e Cultura

PROPLAD – Pró-reitoria de Planejamento

SES-MG Secretaria do Estado de Saúde de Minas Gerais

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UFV – Universidade Federal de Viçosa

Unesp – Universidade Estadual Paulista

UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FORMAÇÃO E AS ESCOLHAS QUE LEVARAM À CARREIRA DOCENTE	13
3. INÍCIO DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA COMO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA.....	18
4. CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL E GESTÃO ACADÊMICA	21
5. ARTICULAÇÃO COM A SOCIEDADE E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	30
6. DOCÊNCIA, FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISA	34
7. SÍNTESE GRÁFICA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA	38
8. REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E O TRABALHO UNIVERSITÁRIO	40
9. PERSPECTIVAS E CONTINUIDADE.....	44
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.
Fernando Pessoa (Ricardo Reis)
Odes*

A escrita de um memorial não se reduz a um registro autobiográfico organizado cronologicamente; se assim fosse, ele seria apenas a documentação seriada de ações acumuladas ao longo de uma carreira. Na execução dessa atividade, há a necessidade de revisitar a própria trajetória, e ao fazê-lo, emerge uma multiplicidade de sentidos e significados, permeados pelas emoções com que os fatos foram memorizados. É um processo intenso, no qual os acontecimentos não permanecem intactos e isolados, uma vez que foram profundamente afetados pelos cenários em que ocorreram, na temporalidade de sua vivência e agora, ao serem resgatados, adquirem novos contornos dentro de uma contextualização que representa todo um arco vivido, o que é uma experiência de contemplação da perspectiva dos caminhos percorridos, oportunidade que raramente acontece durante o curso dos acontecimentos.

A Resolução nº 3 de 9 de junho de 2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que fundamenta a construção desse memorial, regulamenta a avaliação docente no que se refere à Progressão, à Promoção e à Aceleração da Promoção nas Carreiras de Magistérios Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Pessoal Docente da Universidade Federal de Uberlândia, via avaliação de desempenho (Universidade Federal de Uberlândia, 2017). Neste documento, não há uma padronização para o texto, nem para a apresentação do conteúdo, existindo apenas a recomendação de Introdução, Trajetória Profissional e Conclusão (desconsiderando os elementos pré-textuais). A conferência documental é realizada a cada interstício, incluindo o momento da Promoção à Classe Titular, pela Comissão para Avaliação de Desempenho de Docentes da Carreira do Magistério Superior da unidade.

Ao ler alguns memoriais disponíveis no Repositório da UFU, de diferentes unidades acadêmicas, percebi a grande variedade de estilos de escrita e estruturação do texto, com alguns em formato narrativo, dando destaque aos fatos iniciais da vida; outros mais voltados à trajetória acadêmica; alguns listando apenas documentos em série (não obrigatórios neste

momento); outros híbridos; alguns muito visuais e outros até poéticos. Diante disso, tomei uma decisão narrativa para a construção deste memorial.

Optei, de forma proposital, por privilegiar a construção processual e coletiva da trajetória acadêmica, e iniciar a narrativa a partir do meu ingresso como estudante de graduação. Abstive-me da descrição de títulos de pesquisa e da descrição individualizada de pessoas, e este é um detalhe para o qual quero oferecer uma compreensão descritiva. Estruturei a sequência de acontecimentos em eixos narrativos, da *Formação e os caminhos que levaram à carreira docente* (Capítulo 2), ao *Início da trajetória acadêmica como docente na universidade pública* (Capítulo 3), seguindo pela *Construção institucional e gestão acadêmica* (Capítulo 4), *Articulação com a sociedade e a extensão universitária* (Capítulo 5) e *Docência, formação de estudantes e pesquisa* (Capítulo 6). Uma vez que não fiz uma estrutura linear de descrição, organizei graficamente os eixos narrativos em um gráfico que ocupa o Capítulo 7, *Síntese gráfica da trajetória acadêmica*, para facilitar a visualização da sobreposição temporal das diferentes dimensões da atuação docente. Finalizo com os capítulos de *Reflexões sobre a trajetória acadêmica e o trabalho universitário* (Capítulo 8) e *Perspectivas e continuidade* (Capítulo 9), que constituem a conclusão deste memorial, e *Referências*, encerrando com o Capítulo 10.

Há uma intenção nessa escolha narrativa, pois uma característica vai se evidenciar ao longo do meu caminho: a construção e a participação em estruturas coletivas. Dessa forma, optando por dar voz à coletividade, ressalto essa escolha como parte relevante da trajetória, sem jamais desmerecer todas as pessoas que passaram pela minha vida acadêmica, cujas contribuições fizeram parte da profissional que me tornei e, nesse processo, também evito a omissão eventual e inadvertida de qualquer pessoa cuja importância também se soma. Faço ainda a observação de que a trajetória é composta não apenas por nomes e títulos conhecidos, mas por pessoas que perpassam nossos caminhos em diversas configurações, desde aqueles que mantêm as estruturas pelas quais nos movemos diariamente, até os inúmeros alunos que vão formando a construção da identidade docente, impossíveis de serem nominados.

2. FORMAÇÃO E AS ESCOLHAS QUE LEVARAM À CARREIRA DOCENTE

Em 1997 ingressei na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) no curso de Zootecnia do Campus de Jaboticabal (FCAV). Foi um período de grandes mudanças na minha vida, pois nasci e cresci na cidade de São Paulo, uma das maiores metrópoles do país e com um contexto de vida marcadamente urbano e aos 20 anos, ao prestar o vestibular e ser aprovada, me mudei para uma cidade universitária de aproximadamente 70 mil habitantes, para fazer um curso na área agrária. Decidi pelo curso de Zootecnia porque desejava sair da minha zona de conforto e ampliar meus horizontes na escolha da vida profissional e, em todos os vestibulares que prestei na época (USP, UFV, UFLA e Unesp), fiz essa escolha, optando pela última instituição para cursar a graduação. Na época da minha formação, a FCAV/Unesp só possuía três cursos de graduação, todos em período integral: Zootecnia, Medicina Veterinária e Agronomia. A adaptação à cidade, à universidade e à convivência em república, primeiras experiências após sair da casa dos meus pais, foram desafiadoras, mas ao mesmo tempo tive a sorte de encontrar nesse formato de residência grandes amigas e morar durante praticamente todo o período de graduação com o mesmo grupo de cinco garotas e algumas outras agregadas.

Durante o período de graduação sempre tive um ótimo relacionamento com a minha turma, favorecido pelo envolvimento, desde o início do curso, com a função de tesoureira da comissão de formatura, o que me deixava em contato com todos os colegas para cobranças de boletos com frequência mensal. Nessa mesma função, juntamente com o restante da comissão, participei da organização de eventos, confraternizações e outras ações do gênero para arrecadar dinheiro para as festas de conclusão do curso. Também fui responsável, em conjunto com outros colegas, pela organização da viagem-prêmio, evento em que a Unesp cedia ônibus e motoristas para os alunos realizarem uma viagem de uma semana para destinos relacionados à área acadêmica no último ano do curso. Ainda no âmbito das atividades da comissão, fui uma das responsáveis, com outros dois integrantes, pela pesquisa, negociação e contratação das empresas organizadoras da festa dos 100 dias e das cerimônias de formatura.

Os primeiros estágios da graduação foram realizados no Laboratório de Anatomia, no primeiro semestre, seguidos pelo Setor de Equideocultura, no segundo semestre. Neste último, além do trato com os animais, limpeza dos recintos e atividades afins, os alunos também faziam a doma dos animais mais jovens e realizavam aulas de equitação com os

animais mais velhos. Permaneci nesse estágio por aproximadamente um ano. Na metade do segundo ano da graduação, iniciei um estágio em bovinocultura leiteira, vinculado a um projeto de extensão desenvolvido por meio de um convênio entre a Unesp e uma grande empresa do setor lácteo, na qual os alunos mais novos acompanhavam estudantes de períodos mais avançados nas atividades de consultoria a propriedades leiteiras de pequenos produtores, permanecendo nessa atividade até o terceiro ano da graduação.

Paralelamente aos estágios, participei das chamadas “atividades de corredor”, expressão utilizada para designar atividades extracurriculares de organização acadêmica e institucional. Nesse contexto, passei a integrar, por dois anos consecutivos, a comissão organizadora da SECITAP (Semana de Ciência e Tecnologia Agropecuária), evento de caráter letivo obrigatório que suspendia as aulas da graduação para oferecer atividades de formação complementar aos estudantes. No primeiro ano, organizei, juntamente com uma colega, um curso de uma semana sobre Produção de Animais Silvestres e, no ano seguinte, passei a integrar a organização geral do evento. No desenvolvimento dessas atividades, comecei a compreender formas de atuação na universidade para além da sala de aula e dos estágios.

No terceiro ano da graduação, comecei a fazer estágio no setor de avicultura, onde permaneci até a conclusão do curso. Nesse setor, passei a me envolver mais intensamente com a pesquisa e com uma equipe de trabalho bastante estruturada, com significativa interação entre alunos em diferentes níveis de formação. Havia diversos experimentos sendo desenvolvidos simultaneamente pela equipe do meu orientador, e, por isso, existia um entendimento compartilhado de que, nos dias de coleta de dados, como pesagem dos frangos ou quebra de ovos, todos os integrantes da equipe, especialmente os alunos da graduação, participavam de todas as atividades. Nos dias de manejo, eram organizadas escalas que contemplavam todos os experimentos em andamento, desenvolvidos principalmente com frangos de corte e poedeiras comerciais. Meu orientador era da área de Nutrição de Não Ruminantes e foi nesse ambiente, marcado pela convivência cotidiana com a sua equipe de pesquisa, composta por alunos de graduação, mestrado, doutorado e também por pós-doutorandos, que passei a me desenvolver na pesquisa, participando de congressos, escrevendo projetos e publicando meus primeiros resumos científicos.

A partir da afinidade desenvolvida com a área e com a equipe de trabalho, após a formatura resolvi ingressar no Programa de Mestrado em Produção Animal na mesma instituição, em 2002. Realizei a pesquisa do mestrado com nutrição de poedeiras comerciais,

mantendo a participação coletiva nos demais experimentos. Meu orientador tinha uma equipe numerosa e uma hierarquia de atuação bastante definida: os alunos de doutorado acompanhavam o desenvolvimento dos alunos de mestrado e estes, por sua vez, auxiliavam os alunos de graduação. Estes últimos, por fim, participavam de todos os experimentos em andamento, constituindo a estrutura de trabalho da equipe. Sob a sua orientação, outras atividades também eram solicitadas, como colaboração em escrita de artigos, relatórios, projetos submetidos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), prestações de contas, preparação de palestras por ele ministradas, e demais atribuições que transitavam entre a pesquisa e a gestão dos projetos já em andamento ou que viriam a ser executados.

Ao fim do mestrado, eu já tinha um objetivo bastante definido para a continuidade da minha formação: realizar uma experiência acadêmica internacional por meio do programa de doutorado sanduíche. O programa de Pós-Graduação em Produção Animal possuía conceito 7 na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), condição que ampliava as possibilidades de obtenção de bolsa para esse tipo de formação, tornando esse objetivo tangível. Com isso, ingressei no Doutorado em Produção Animal em 2004 e organizei o planejamento das ações para concentrar as disciplinas no primeiro ano, a execução do experimento e a submissão da proposta para o sanduíche no segundo, e, no terceiro ano, a realização do período de estágio no exterior. O planejamento foi concretizado com a aprovação para desenvolver parte do meu doutorado no departamento de *Poultry Science* na *University of Georgia*, nos Estados Unidos, onde permaneci por nove meses em 2006.

O período de vivência na *University of Georgia* foi muito rico pessoal e profissionalmente, afetando profundamente meu senso de pertencimento nessas esferas. O ambiente universitário era composto por pessoas de diferentes nacionalidades e, durante esse período, eu formei um grupo de amigos com pessoas de diversas partes do mundo. Também tive a oportunidade de conhecer diversos profissionais da área durante as pesquisas que desenvolvi junto à equipe que estava vinculada. Ao longo de nove meses participei de oito experimentos com frangos de corte, e pude viver dinâmicas de trabalho bastante diferentes daquelas que conhecia no Brasil, destacando-se a integração entre todos os membros da equipe, em que gestores das empresas parceiras também atuavam diretamente nas atividades de pesquisa, assim como a remuneração para as atividades de coleta de dados dos projetos. O senso de equipe e colaboração também era marcante na dinâmica do departamento, com

reuniões semanais que contavam com a participação de todos os docentes e alunos da pós-graduação. Nessas reuniões, eram discutidos projetos em andamento e analisados os resultados obtidos nas pesquisas, com contribuições de todos os presentes, favorecendo o conhecimento coletivo sobre as diferentes linhas de pesquisa desenvolvidas no departamento de *Poultry Science*. Ainda durante esse período, tive a oportunidade de participar, juntamente com os meus orientadores e colegas do departamento, de um congresso científico realizado em Alberta, no Canadá.

Ao retornar ao Brasil, já havia concluído as disciplinas e realizado o experimento do doutorado, tendo como pendência apenas a redação e a defesa da tese. Nesse momento, também já estava preocupada com os próximos passos da minha carreira e ansiava por ter experiência no mundo corporativo, pois considerava importante ampliar a minha vivência profissional no setor privado antes de definir os rumos da carreira docente. Com a concordância do meu orientador, comecei a enviar currículos, participar de entrevistas e processos seletivos. Foi quando, por intermédio de um colega da equipe do meu orientador, consegui uma entrevista em uma empresa na área de suplementos para alimentação animal e fui contratada para atuar na área de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) da Vitagri S.A. em Apucarana, no interior do Paraná, no segundo semestre de 2007. Na minha nova atribuição, passava uma semana por mês em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, junto aos diretores da empresa, desenvolvendo o planejamento de experimentos para novos produtos e coletando os dados de pesquisa para análise interna.

Em Apucarana, acabei assumindo outras funções, além da P&D. Fiquei responsável pelos laudos de controle de qualidade do Laboratório de Nutrição, oriundos das análises das amostras enviadas pelos assistentes técnicos e também atuei como nutricionista, realizando formulações de rações para os clientes e formulação de produtos da própria empresa. Em dezembro de 2007, já atuando havia alguns meses na indústria, defendi meu doutorado, finalizando o período de pós-graduação. Na fábrica, com a mudança de uma legislação da área ocorrida naquele ano, passei também a auxiliar no controle de qualidade da fábrica de ração, na elaboração do Manual de Boas Práticas de Fabricação, juntamente com outros dois colegas. Como havia retornado recentemente dos Estados Unidos, estava com o inglês fluente e era a única pessoa da unidade de Apucarana a dominar outro idioma, passei também a auxiliar os setores de compras, importação e marketing na tradução dos materiais de divulgação e de legislações pertinentes, no contexto da aquisição da empresa por uma multinacional.

Permaneci na Vitagri desempenhando essas funções até o ano de 2009, quando, ao contribuir em um treinamento de equipes para novas atividades de gestão decorrentes dessa transição corporativa, comecei a refletir sobre os rumos da minha carreira. Durante o treinamento, percebi uma identificação com a transmissão de conceitos, com a comunicação e com a organização de ideias (características similares às de uma sala de aula), e essa observação contribuiu para que eu começasse a considerar um retorno à universidade.

3. INÍCIO DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA COMO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

No início de 2009 tomei conhecimento sobre a abertura de vagas para o curso de Zootecnia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Petrolina-PE, instituição ainda recente e em processo de expansão. Naquele momento, já em reflexão sobre a possibilidade de retornar à universidade, decidi participar do concurso para a área de Nutrição e Produção de Não Ruminantes. Consegui alguns dias de afastamento do trabalho para prestar o concurso, aberto pela terceira vez em razão da ausência de candidatos aprovados nos editais anteriores, sendo aprovada em primeira colocação, o que marcou meu ingresso no serviço público federal.

Cheguei a Petrolina em junho de 2009 e foi um período de grandes desafios, por diversas razões. A transição de um ambiente organizacional corporativo para o serviço público representou um divisor de águas na minha trajetória. Embora tivesse realizado a graduação, o mestrado e o doutorado em uma universidade pública, a dinâmica das relações institucionais e das atribuições docentes era completamente diferente daquela vivenciada na condição de estudante, não sendo, portanto, dimensionada em toda a sua complexidade. Além da ambientação ao novo contexto organizacional, vivi um intenso processo de adaptação cultural e regional, que revelou diferenças significativas dentro do próprio Brasil, sendo marcante também a habituação ao clima semiárido nordestino.

A UNIVASF era uma universidade que existia havia aproximadamente sete anos quando tomei posse, em junho de 2009. Ela foi criada por meio da Lei nº 10.473, de 27 de junho de 2002, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (Brasil, 2002) e encontrava-se em plena expansão. O curso de Zootecnia havia iniciado suas atividades juntamente com a implantação da universidade em outubro de 2004, e o Campus de Ciências Agrárias (CCA), que passaria a sediá-lo, foi estruturado a partir do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído em 2007 pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 (Brasil, 2007). Assim, ao ingressar na instituição, passei a atuar em um curso em formação, inserido em uma universidade igualmente em processo de consolidação.

Foi esse o contexto da minha entrada na universidade pública: um ambiente institucional em processo de constituição. Muitas instalações, incluindo o próprio Campus de Ciências Agrárias, na área rural, assim como outras estruturas básicas da UNIVASF no Campus Central, ainda estavam sendo construídas. Para os setores de produção, áreas indispensáveis

para as aulas práticas, não havia previsão inicial de investimentos suficientes para criar um centro destinado às atividades de ensino e pesquisa com as diferentes espécies estudadas pelo curso de Zootecnia, existindo apenas a estimativa de um espaço físico com poucas instalações. Assim que passei a integrar a equipe docente, participei, juntamente com os demais professores do curso, da elaboração e submissão de uma proposta coletiva ampla para a Chamada Pública do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio do Fundo Setorial de Infraestrutura (CT–Infra), voltado à consolidação e expansão desse centro, projeto que avançou institucionalmente. Minha participação concentrou-se na subárea de avicultura, como coordenadora de subprojeto para a viabilização do respectivo setor, que, naquele momento, contava apenas com um galpão construído, ainda sem acabamento e equipamentos. Não tive oportunidade de acompanhar os desdobramentos posteriores da iniciativa, pois, no período de divulgação dos resultados, eu já dava passos da carreira em outra instituição.

Assim que entrei na UNIVASF, em junho de 2009, passei a integrar o Colegiado do Curso de Zootecnia. Ministrei disciplinas para os cursos de Medicina Veterinária (Nutrição e Alimentação Animal), Zootecnia (Nutrição e Alimentação de Não Ruminantes, Avicultura, Avicultura Especial e Uso Racional de Água na Produção Animal), e Engenharia Agrícola (Criação de Animais Domésticos), esta última ofertada no Campus de Juazeiro, na Bahia. A carga horária semestral dos componentes curriculares sob minha responsabilidade situava-se em torno de 160 horas, intercalando as disciplinas da Medicina Veterinária e da Zootecnia, uma vez que ambos os cursos realizavam ingresso anual.

Os anos de atuação na UNIVASF ocorreram de forma simultânea com o desenvolvimento do Programa REUNI, o que fez com que muitos concursos acontecessem na minha área de atuação para novos cursos e novas instituições. Nesse sentido, decidi tentar algumas oportunidades para retornar para mais perto do eixo em que minha vida pessoal e familiar se estruturava até então, no sudeste do Brasil. Foi quando passei no concurso para docente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O curso de Zootecnia da UFU, também originado do Programa REUNI, havia iniciado suas atividades um ano antes da minha chegada. Tomei posse em fevereiro de 2011 para atuar nas áreas de Alimentos e Alimentação, Bem-estar Animal e Formulação de Rações para Não Ruminantes. Como as disciplinas dessas áreas ainda não seriam ofertadas no primeiro ano do meu exercício na instituição, fui designada para ministrar o conteúdo de Bovinocultura de

Leite na disciplina de Bovinocultura, oferecida ao curso de Agronomia, além de compartilhar parte de Introdução à Bovinocultura, também para a Agronomia, com uma docente da Medicina Veterinária. Compartilhei ainda a disciplina de Criação de Perus com um docente do mesmo curso. Ao mesmo tempo, iniciei uma formação à distância em Bem-estar Animal pela Universidade de Cambridge com o objetivo de me preparar a oferta da disciplina correspondente no curso de Zootecnia. Buscando ampliar essa formação, realizei também, em 2011, o Curso de Capacitação STEPS – Melhorando o Bem-estar Animal no Abate, promovido pela Sociedade Mundial de Proteção Animal e pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), além de participar de um Congresso Internacional da área no mesmo ano.

Iniciei a oferta de disciplinas no curso de Zootecnia em 2012, ministrando os componentes curriculares optativos de Bem-estar Animal aplicado à Zootecnia e Técnicas Avançadas de Formulação de Rações, esta última compartilhada com um docente da área de Ruminantes. No mesmo ano, ofertei também a disciplina obrigatória de Alimentos e Alimentação, cujas aulas práticas dependiam dos laboratórios da Medicina Veterinária, uma vez que a Zootecnia ainda não possuía estrutura própria. Como os concursos para algumas áreas de produção ainda seriam realizados, solicitei que a minha área de atuação fosse alterada de Alimentos e Alimentação para Avicultura, proposta aprovada pelo Conselho da Unidade. Com isso, a área original retornou para concurso, permanecendo sob minha responsabilidade até o ingresso do novo docente, quando passei a ministrar a disciplina de Produção de Aves.

Juntamente com as atividades de ensino, os desafios administrativos e pedagógicos inerentes à implantação de um curso novo foram se tornando cada vez mais presentes. Foi nesse contexto que comecei a participar mais ativamente das discussões e decisões relacionadas à gestão do curso de graduação.

4. CONSTRUÇÃO INSTITUCIONAL E GESTÃO ACADÊMICA

O curso de Zootecnia ao qual eu passei a pertencer, em fevereiro de 2011, estava lotado em uma unidade que, à época, completava quarenta anos de existência, a FAMEV – Faculdade de Medicina Veterinária (desde 2025, FMVZ – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia). A unidade contava com Hospital Veterinário, duas fazendas experimentais e diversos laboratórios em pleno funcionamento. O curso de Zootecnia, por sua vez, ainda não possuía estrutura própria para atender às demandas de ensino e pesquisa. Apesar de existirem as fazendas experimentais, muitas das estruturas das quais o curso de Zootecnia poderia se beneficiar não existiam ou estavam sem condições de uso, como a fábrica de ração. A Fazenda Experimental do Glória possuía uma fábrica de ração de grande porte, fruto das atividades comerciais desenvolvidas antes da sua incorporação à universidade, porém, encontrava-se fechada, com equipamentos furtados e grande infestação de pombos. Em setembro de 2011 fui nomeada Responsável Técnica do Laboratório de Ensino e Processamento de Rações (LAPRA), que passaria a utilizar a estrutura da fábrica de ração para atividades de ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de revitalizar a fábrica, então inativada, e torná-la funcional, principalmente para atender às demandas do curso de Zootecnia. Inicialmente o planejamento era adquirir equipamentos para torná-la funcional e aproveitar parte da estrutura já existente, após as adequações necessárias, no próprio local pré-existente. Para realizar isso, foi solicitado um recurso, ainda em 2011, utilizando os investimentos disponibilizados pelo próprio REUNI. Simultaneamente, em primeiro de junho de 2011, iniciei meu primeiro mandato de dois anos como membro do Colegiado do curso de Zootecnia.

Como responsável pela disciplina de Alimentos e Alimentação, havia também a necessidade de um laboratório para as aulas práticas e, embora o curso de Medicina Veterinária já possuísse seu laboratório de análises bromatológicas, havia limitação de agenda de uso e espaço físico. Como a Zootecnia concentra diversas disciplinas na área de Nutrição Animal e a maioria dos professores utiliza amplamente esse tipo de estrutura, propus aos colegas que, em vez de fragmentarmos o último recurso disponibilizado pelo REUNI, reuníssemos esforços para estruturar um laboratório que pudesse atender simultaneamente às atividades de ensino e pesquisa de diferentes docentes da área. Essa lógica também foi aplicada à aquisição dos equipamentos da fábrica de ração. Com a concordância dos colegas e da direção da unidade, foi definida a implantação do Laboratório de Nutrição Animal

(LABAN), ficando sob a minha responsabilidade a solicitação de compra dos equipamentos necessários para as análises bromatológicas básicas, como mufla, estufas, extratores de Soxhlet, aparelho de micro Kjeldahl, balanças, entre outros.

Ao longo do ano de 2012 os equipamentos solicitados começaram a ser entregues e as discussões em torno do espaço físico de ambos os laboratórios, LAPRA e LABAN foram se ampliando, das quais participei diretamente, como responsável pelas futuras estruturas. Os maquinários da fábrica de ração, à medida que chegavam, começaram a ser armazenados em uma instalação da Fazenda Experimental do Glória, enquanto os equipamentos do LABAN foram guardados na sala da coordenação do curso, localizada no bloco 2D do Campus Umuarama, transformando-a em um depósito, diante da ausência de previsão de um espaço definitivo para sua instalação. Seguindo a mesma lógica adotada para a aquisição dos equipamentos, dois técnicos administrativos, dentre os cinco concursos para essa função, destinados ao apoio dos cursos criados pelo REUNI, foram designados a atuar no LABAN. Enquanto para o LAPRA já existia um espaço físico, que necessitava de reforma e adaptação, para o LABAN não havia qualquer área disponível, sendo necessária a solicitação desse espaço junto à Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAD). Durante esse período, os técnicos permaneceram alocados em uma pequena sala cedida no mesmo bloco da coordenação.

Nesse contexto, a direção da unidade solicitou projetos completos de ambos os laboratórios, contemplando a utilização do espaço físico, as demandas do curso e os detalhes construtivos, responsabilidade que assumi para as duas estruturas. Junto à PROPLAD seguiram-se reuniões para solicitação e viabilização de um espaço físico no Campus Umuarama, que acabou sendo destinado ao LABAN após disputa entre os novos cursos criados pelo REUNI. O espaço correspondia aos fundos do bloco 2A, onde foi fechada a extremidade do corredor existente e incorporadas quatro salas, duas de cada lado, passando a ter como principal acesso uma saída voltada ao centro de convivência do campus. Com o espaço definido, elaborei a proposta de ocupação e organização do laboratório, contemplando a distribuição do ambiente, bancadas, adaptações da rede hidráulica e demais necessidades para seu funcionamento. Para isso, contei com o auxílio de um dos técnicos administrativos, graduado em Engenharia de Alimentos, que dominava o *software* AutoCAD®. Na sequência, foi necessária a aprovação dos recursos para execução da obra, processo conduzido em negociação direta da unidade, a PROPLAD e esta docente. Após a liberação dos recursos, acompanhei diariamente a execução da obra no Bloco 2A.

Com a obra do LABAN em andamento, o LAPRA seguiu outro direcionamento. A estratégia inicial foi modificada e, mesmo com os equipamentos já adquiridos, a unidade decidiu não usar a estrutura da fábrica de ração existente, em razão da proximidade com a rodovia e do risco de novos furtos, assim, optou-se pela construção de uma nova instalação, localizada no interior da Fazenda Experimental do Glória, próxima ao setor de Ranicultura. Diante dessa mudança, fui novamente incumbida de elaborar a proposta de utilização do novo espaço, nos mesmos moldes da anterior, contemplando a nova configuração da estrutura.

Outros âmbitos da gestão acadêmica e da construção do curso caminhavam paralelamente a essas iniciativas. Em 1º de junho de 2013 tive renovado meu mandato como membro do Colegiado do Curso de Zootecnia, e nesse período estavam sendo realizados os concursos para as demais áreas de docência ainda não contempladas, dos quais participei como membro das bancas examinadoras de dois, cujas áreas principais eram Alimentos e Alimentação e Produção de Suínos. No semestre de 2013/2, com a primeira oferta da disciplina de Produção de Aves para o curso de Zootecnia, passei a ministrá-la, mantendo simultaneamente Alimentos e Alimentação até o ingresso do novo docente, em janeiro de 2014. Ainda no ano de 2013, com a saída do professor da área, também ministrei a disciplina de Metabolismo Animal, especificamente o conteúdo de metabolismo de lipídeos, por dois semestres, até que a seleção para contratação de um novo docente fosse concluída.

No início de fevereiro de 2014 houve a renúncia ao cargo da coordenadora do curso de Zootecnia, eleita para a função, e fui nomeada Coordenadora *Pro tempore* em 7 de fevereiro, pois, de acordo com o Estatuto da UFU, essa função deveria ser ocupada pelo membro do Colegiado com maior tempo de docência na instituição entre os elegíveis. O Ministério da Educação (MEC), por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) havia agendado a visita para Reconhecimento do Curso de Zootecnia para o período entre 14 e 17 de maio de 2014 e tive, nos primeiros meses da função, que organizar o curso para a o recebimento da comissão de avaliação, envolvendo a conscientização da comunidade acadêmica, a organização dos espaços de uso institucional e o preparo documental. Para que a condição de coordenação *Pro tempore* não figurasse como um fator desfavorável durante a avaliação do Inep, foi realizada a eleição para o cargo titular, para o qual me candidatei com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos iniciados, assumindo o mandato em 1º de maio de 2014.

A preparação para a avaliação do Inep foi intensa, mobilizando todos os docentes do curso, e contribuindo para a consolidação de estruturas essenciais à gestão acadêmica, como o Colegiado de Curso e o Núcleo Docente Estruturante (NDE). Na função de coordenadora e em razão do tempo de atuação na instituição, passei a presidir esses dois órgãos, conduzindo a preparação para a visita dos avaliadores e as ações que viriam depois. Durante esse processo de preparação e ao longo da avaliação, meu olhar sobre o papel institucional da docência e da coordenação foi se expandindo, fortalecido também pela minha participação, inerente ao cargo, no Conselho da Unidade, no Conselho de Graduação (CONGRAD) e no Conselho Universitário (CONSUN). Ao final da visita, durante uma conversa informal com um dos avaliadores do Inep, fui apresentada de forma mais abrangente às dimensões da avaliação institucional e de cursos desenvolvidas pelo Instituto. Essa conversa ampliou minha compreensão sobre esse campo de atuação e influenciou a forma como eu passei a perceber a universidade, também.

A avaliação resultou em nota 4 para o curso de Zootecnia da UFU. Passada a urgência da demanda do Inep, a preocupação voltou-se aos problemas acadêmicos internos. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) havia sido concebido antes da contratação dos docentes aprovados nos concursos para as diferentes áreas, tratando-se, originalmente de um Projeto de Criação do Curso (Universidade Federal de Uberlândia, 2010), e, com a consolidação do corpo docente, uma série de mudanças passou a se mostrar necessária na organização pedagógica da graduação. Existia um represamento expressivo de alunos nos primeiros períodos, em várias disciplinas, uma delas, inclusive, ofertada no semestre inicial, gerava uma sequência de retenções até o sexto período em caso de reprovação, em razão da cadeia de pré-requisitos existente. As primeiras ações, que não demandavam ainda uma reforma do PPC, mas ajustes internos e aprovações apenas no âmbito da unidade, concentraram-se na retirada dessas travas estruturais e na solicitação de turmas extras para atender aos alunos retidos. Mesmo com essas medidas, tornou-se evidente a necessidade de atualização do PPC. A experiência adquirida durante a preparação para a visita do Inep me aproximou da Divisão de Projetos Pedagógicos da UFU (DIPED), que orientava os coordenadores quanto aos procedimentos relacionados à avaliação institucional e reformas de projetos pedagógicos. Foi a partir dessa aproximação que busquei o apoio da divisão para conduzir a reformulação do PPC junto ao Colegiado e ao NDE.

No primeiro semestre de 2014 o LABAN teve suas obras concluídas, e os equipamentos armazenados na sala da coordenação foram transferidos para o novo espaço, no bloco 2A, onde foram instalados. Com a estrutura pronta, passei sua coordenação, via direção da unidade, ao docente que havia ingressado no concurso para a área de Alimentos e Alimentação. Durante a segunda metade daquele ano e o primeiro semestre de 2015 conduzi, juntamente com o NDE, reuniões periódicas, com todos os docentes e as unidades envolvidas na oferta de componentes curriculares para o curso de Zootecnia. Na UFU, as disciplinas do ciclo básico da formação acadêmica são ofertadas por unidades acadêmicas específicas, como a Faculdade de Matemática (FAMAT), o Instituto de Química (IQUFU) e outras, responsáveis pela oferta desses componentes para todos os cursos da universidade. Ao todo, a graduação em Zootecnia dependia da participação de dez unidades acadêmicas na oferta de sua matriz curricular e, nesse processo, cada uma dessas unidades foi convidada a discutir, juntamente com seus respectivos docentes, propostas para suas áreas, dentro do perfil de egresso que se pretendia formar a partir da reformulação do PPC.

Durante todo esse período, o LAPRA não evoluiu, pois não houve previsão de recursos para uma instalação nova na Fazenda Experimental do Glória, e, enquanto essa indefinição se manteve, os equipamentos permaneceram armazenados em um galpão da fazenda iniciando um processo de deterioração. Diante desse cenário, em uma decisão conjunta entre a Diretoria de Experimentação e Produção Animal das fazendas, direção da unidade, o responsável pelo Setor de Bovinos de Leite (SEBOL) e esta docente, como responsável técnica pelo então laboratório, ficou definida a incorporação do maquinário a esse setor da fazenda, que, naquele período, concentrava maior demanda por esse tipo de infraestrutura. Como os itens já se encontravam armazenados nesse local e a partir da consolidação dessa estrutura no SEBOL, o LAPRA deixou de existir e encerrei minha responsabilidade técnica pelo laboratório, em março de 2015.

Após aprovação pelo Colegiado de Zootecnia, pelo Conselho da Unidade e posteriormente pelo Conselho de Graduação, durante o segundo semestre de 2015, o PPC foi homologado e implantado no semestre 2016/1 (Universidade Federal de Uberlândia, 2016), iniciando uma fase de transição entre a estrutura curricular de 2010 e o novo currículo. Com o objetivo de dar continuidade às ações iniciadas e, por ter desenvolvido afinidade com a função, candidatei-me para um segundo mandato como coordenadora, o qual iniciei em 1º de maio de 2016. No novo PPC, a disciplina de Bem-estar Animal Aplicado à Zootecnia,

anteriormente optativa, passou a ser obrigatória no quinto período, sendo reformulada como Comportamento e Bem-estar Animal, e sua configuração anterior foi mantida até que o novo currículo alcançasse esse período de implantação. A disciplina de Técnicas Avançadas em Formulação de Rações, que era ministrada em conjunto com outro docente, deixou de ser ofertada e deu origem a duas novas disciplinas. Passei a ministrar Formulação e Processamento de Rações para Não Ruminantes, mantida como optativa, além de Produção de Aves, disciplina obrigatória do oitavo período.

A aproximação com a DIPED durante o planejamento e a execução da reforma do PPC foi muito positiva pois encontrei grande afinidade com as atividades relacionadas à organização institucional e pedagógica das graduações. Em decorrência desse contato, passei a atuar como avaliadora *ad hoc* de Projetos Pedagógicos, juntamente com coordenadores de outras unidades da UFU. Ainda durante a coordenação do curso, avaliei e emiti pareceres, no âmbito do CONGRAD, sobre as propostas de reformulação dos PPCs de Educação Física e Física Médica. As atividades desenvolvidas junto à divisão ampliaram minha atuação na área de avaliação institucional e de ensino, aproximando-me do campo da avaliação externa, no qual viria a atuar posteriormente.

O ano de 2016 foi marcado pela implantação do novo PPC, e, em 2017, começaram os preparativos para a mudança de endereço da unidade acadêmica para um novo espaço, no Campus Glória, cujas estruturas já estavam construídas havia alguns anos, aguardando ocupação, em área adjacente à Fazenda Experimental. No segundo semestre de 2017, passei também a colaborar na disciplina de Bem-estar Animal do curso de Medicina Veterinária, atividade que mantive até o segundo semestre letivo de 2021. No contexto da transição para o novo endereço, foram discutidas, pela coordenação de curso, pela PROPLAD e pela direção da unidade, a ocupação de salas de professores, salas estudantis, a concepção de novos laboratórios e demais condições necessárias para a mudança. Como coordenadora do curso, participei das definições relacionadas aos espaços destinados ao curso de Zootecnia e às condições requeridas para seu funcionamento no novo campus, encerrando meu mandato em 30 de abril de 2018.

A mudança para o Campus Glória foi concretizada em agosto de 2018, mesmo mês em que passei a integrar a Comissão para Avaliação de Desempenho de Docentes da Carreira do Magistério Superior da FMVZ, atribuição que exerço desde então. Ainda em 2018, o Inep publicou edital de chamada pública para seu banco de avaliadores, ocasião em que realizei

minha inscrição. Com o encerramento do mandato como coordenadora, candidatei-me à representação docente da graduação do curso de Zootecnia no Conselho da Unidade, função que exerci de 19 de setembro de 2018 a 19 de setembro de 2020.

No início do segundo semestre de 2019 fui selecionada para a capacitação do Inep para a atuação em avaliação institucional de credenciamento e credenciamento, realizada alguns meses depois. No final de 2019 decidi iniciar um projeto de extensão “EBA: Estudos em Bem-estar Animal”, para o qual convidei alguns docentes, cadastrando-o na unidade para início em março de 2020, com o objetivo da abordagem do bem-estar animal em situações a campo. Entretanto, em 18 de março de 2020 a UFU suspendeu as aulas presenciais em função do isolamento imposto pela pandemia do coronavírus, consequentemente as atividades da proposta entraram em suspensão e o projeto não chegou a ser iniciado. Nesse período passei a integrar a Comissão Interna de Biossegurança da Unidade, juntamente com outra docente e dois técnicos, para avaliar as condições de afastamento e, posteriormente, de retorno às aulas. A UFU ficou o primeiro semestre de 2020 sem ofertar disciplinas, retomando as aulas no segundo semestre de 2020 como dois períodos especiais de nove semanas, com a oferta sendo opcional para os docentes, assim como para os alunos seria opcional cursar as mesmas. Optei por ofertar todas as disciplinas sob minha responsabilidade nos períodos especiais, adaptando-as ao formato remoto. Também ofereci o componente curricular de “O Bem-estar Animal e a Avicultura no Brasil e no Mundo” no curso de Especialização em Ciências Avícolas, no daquele mesmo ano (tendo a oferta repetida em 2024). Ainda em 2020 foi publicada no Diário Oficial da União minha nomeação como avaliadora do Inep.

No final de 2020 o grupo PET, Programa de Educação Tutorial, ficou sem tutor, e a ausência de um novo docente poderia levar à extinção do grupo. Paralelamente, o curso de Zootecnia enfrentava a necessidade de recomposição de diversas funções acadêmicas em razão das adaptações impostas pela pandemia. Diante desse cenário, alguns docentes organizaram a redistribuição dessas responsabilidades, definindo quais funções seriam assumidas por cada professor para garantir a continuidade das atividades. Optei por me candidatar para assumir a tutoria do PET, por compreender que a função reunia características de gestão acadêmica com as quais já havia desenvolvido afinidade, agora voltadas à formação dos estudantes de graduação.

Não havia previsão de retorno às atividades presenciais e o ano de 2021 seguiu integralmente em formato remoto, contudo, a UFU retomou a obrigatoriedade de oferta de

todas as disciplinas e da participação dos alunos. Em 29 de março de 2021 assumi a função de tutora do grupo PET Zootecnia, cujas atividades também precisavam ser desenvolvidas remotamente. O primeiro ano da tutoria foi marcado principalmente pela reorganização do Programa. Em razão das dificuldades impostas pela pandemia, o grupo encontrava-se sem acompanhamento efetivo havia algum tempo, sendo necessário atualizar os registros de pesquisa de todos os integrantes e realizar um novo processo seletivo para preenchimento das vagas existentes.

O grupo PET precisa desenvolver atividades de ensino, pesquisa, extensão e as chamadas ações afirmativas, envolvendo doze alunos bolsistas, além de estudantes voluntários que permaneciam em formação para reposição gradual das vagas. Para organizar as demandas do grupo e permitir que todos os estudantes vivenciassem diferentes responsabilidades, desenvolvi um sistema de rodízio escalonado, no qual cada integrante alternava funções de liderança e de apoio, de forma que todos experimentassem as atribuições necessárias ao funcionamento das ações desempenhadas pela equipe. Também estruturei um sistema de distribuição das atividades permanentes, revisado a cada seis meses, contemplando desde tarefas administrativas até a organização de reuniões e momentos de integração entre os discentes.

Até maio de 2022 as ações do PET foram desenvolvidas de forma remota, período em que a UFU retomou as atividades presenciais, ainda sob as regras de distanciamento social. Desde a não obrigatoriedade da oferta e participação nos componentes curriculares em 2020 e a retomada regular de disciplinas apenas em março de 2021, a universidade seguiu com a não correspondência dos anos civis com os semestres letivos, fato que só viria a ser regularizado em 2026. Com o retorno das atividades presenciais as iniciativas puderam ser ampliadas e os discentes assumiram diversas atividades, tais como a recepção dos ingressantes, a participação nos eventos institucionais #vemprafu e UFU na Escola, além do desenvolvimento de ações de extensão na instituição e a campo.

No retorno às atividades presenciais, decidi retomar a ideia de investir mais em extensão, submetendo um projeto ao edital do Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade, no final de 2022, da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC). Nessa etapa, redirecionei o foco de atuação para a agricultura familiar, descontinuando a proposta anterior (EBA). Em abril de 2023 apresentei minha candidatura à direção da unidade, em uma decisão tomada de forma independente, motivada pelo desejo de voltar a atuar na gestão

institucional após o ciclo concluído na coordenação de curso, sem, no entanto, voltar à mesma função.

O processo eleitoral contou com outros dois candidatos, seguido de um período de campanha em salas de aula, reuniões com os segmentos acadêmicos e debate entre os concorrentes. O processo encerrou-se sem que eu fosse eleita, sendo, entretanto, uma experiência muito enriquecedora, que modificou a forma como eu passei a compreender as funções administrativas da universidade, e seus procedimentos decisórios.

5. ARTICULAÇÃO COM A SOCIEDADE E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A extensão universitária era uma área que eu desejava fortalecer, considerando o tripé de indissociabilidade da universidade pública, e comecei a refletir mais profundamente após o período de dedicação à gestão na construção inicial do curso de Zootecnia. Apesar da pandemia ter interrompido o desenvolvimento inicial do EBA, o tempo decorrido foi necessário para amadurecer o foco de atuação pretendido. O edital nº 140 da PROEXC, do Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade (PEIC), lançado em 2022, foi uma edição especial voltada às políticas institucionais de valorização de proteção das mulheres; além da educação para as relações étnico-raciais e da diversidade sexual e de gênero, compreendendo quatro categorias de financiamento. Como nas atividades do PET já desenvolvíamos atividades em campo, participando também de dias de campo, comecei a estreitar alguns contatos com representantes de órgãos de atuação na área rural em Uberlândia. À medida que aprofundi o estudo do tema, decidi iniciar uma proposta com mulheres da agricultura familiar, inicialmente como um levantamento das suas necessidades e do uso de recursos tecnológicos no dia a dia. Dessa forma, submeti o projeto ‘A Mulher como Agente Ativo na Busca e Implementação de Tecnologias na Agricultura Familiar’, que foi contemplado com o teto máximo do recurso individual, em fevereiro de 2023.

Com a seleção de duas discentes como bolsistas do projeto, durante parte do ano de 2023 foram desenvolvidas as etapas a campo do projeto. Uma colega docente indicou uma profissional da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES-MG), a qual intermediou o contato com uma Cooperativa de Produtores Rurais na região rural de Uberlândia, e a gestora organização articulou uma reunião com vinte produtoras. Nesta reunião foram coletadas informações gerais sobre o perfil do grupo usando um modelo de Análise SWOT (*Strenghts, Weaknesses, Opportunities and Threats*), ferramenta de planejamento estratégico que permite identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Posteriormente, algumas produtoras foram indicadas pela presidente da cooperativa para serem visitadas individualmente, momento no qual foram realizados levantamentos mais específicos de acordo com os tipos de produção de cada uma. As atividades deste trabalho foram contempladas com o Prêmio Destaque de Atividades Extensionistas “Paulo Freire” da PROEXC em dezembro de 2024 e serviram de base para o desenvolvimento do Núcleo AMUR – Ações

para Mulheres Rurais, projeto que decorreu do amadurecimento dos aprendizados do PEIC 2023.

Ao final de 2023 a PROEXC publicou o edital PEIC nº 173 com o mesmo tema do edital 140 do Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade. Com a experiência adquirida com o PEIC 2023 decidi criar um grupo multidisciplinar para atender às necessidades das mulheres da agricultura familiar, que se denominou Núcleo AMUR, e nesse projeto, a proposta tinha foco nas demandas técnicas de uma propriedade rural, desafios sanitários e aspectos de segurança alimentar. Para isso convidei uma colega da mesma unidade, da área de Medicina Veterinária, e docentes dos cursos de Nutrição (Faculdade de Medicina), Agronomia (Instituto de Ciências Agrárias), Biotecnologia (Instituto de Biotecnologia) e Economia (Instituto de Economia e Relações Internacionais), da própria universidade. Como contribuição externa à UFU se matinha a parceria com a SES-MG e convidei um docente do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera, que viria a se tornar o principal colaborador do projeto, dividindo a responsabilidade das ações de campo de forma igualitária comigo. No início do ano de 2024, a participação de todos os envolvidos foi definida, assim como a proposta do projeto, que visava atender prioritariamente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5), de Igualdade de Gênero, da Organização das Nações Unidas (ONU), além de outros ODS intrínsecos às ações do projeto. Em setembro de 2024 o projeto foi aprovado, porém, apenas com uma bolsista de extensão, tendo o montante para execução prática contingenciado juntamente com os recursos das universidades federais, iniciando-se, assim, o projeto apenas com uma produtora com recurso de transporte da unidade acadêmica.

Sem horizonte de liberação breve dos recursos contingenciados, busquei outras fontes de financiamento, e submeti o projeto do Núcleo AMUR a um edital de um Instituto Social de uma multinacional. Após uma série de reuniões, o projeto foi aprovado em fevereiro de 2025 para receber o investimento de 46 mil reais para seis meses de atividades em três produtoras, além da publicação de um livro e da realização de um workshop, com meta de finalização em outubro de 2025. A empresa também solicitou a replicação do modelo do projeto em outro estado do Brasil, proposta que foi aceita por mim e pelo docente parceiro da Faculdade Anhanguera. Paralelamente, houve liberação dos recursos de transporte do PEIC 2024 em março de 2025 e, com a perspectiva de ambos os aportes financeiros, ampliamos as equipes e realizamos o processo seletivo para alunos de Agronomia, Zootecnia e Nutrição da UFU e de Medicina Veterinária da Faculdade Anhanguera. Foram constituídas, assim, três equipes

multidisciplinares, totalizando 27 alunos, que visitavam as produtoras uma vez por mês, a partir de maio de 2025, configurando uma visita semanal para os docentes coordenadores. Foi mantida a primeira produtora, apresentada como propriedade-piloto do projeto, e iniciou-se o atendimento de mais duas. O Núcleo AMUR tinha objetivos específicos no alinhamento de diversos ODS intrínsecos às suas diretrizes, com foco na redução dos impactos ambientais das ações e na otimização do uso de recursos já existentes, e se propunha a ouvir as demandas das produtoras e buscar soluções a partir das suas necessidades e perspectivas, construindo sua intervenção com base nesse diagnóstico individual, o que resultou na formação de três perfis de atendimento com características completamente distintas. Mensalmente, todas as equipes se reuniam na UFU para apresentar suas impressões e os resultados alcançados.

O recurso do PEIC, contudo, possuía o dia 31 de julho de 2025 como data de finalização, uma vez que seu prazo havia sido estendido em razão dos atrasos de repasses federais, e, a partir dessa data, o projeto passaria a ser executado com os recursos previstos no edital do Instituto. Apesar do acompanhamento das atividades e das metas previstas, o investimento correspondente não foi disponibilizado dentro do cronograma inicialmente estabelecido. Após julho, as ações tiveram que ser interrompidas por circunstâncias administrativas e financeiras alheias ao desenvolvimento técnico da proposta, e, como as atividades na área rural demandavam continuidade, a Fundação de Apoio Universitário (FAU), que geria o recurso externo, foi consultada e considerou mais seguro proceder ao distrato contratual, diante da ausência de perspectiva de prorrogação do prazo de execução e de manutenção dos objetivos nos prazos iniciais. Diante disso, o projeto AMUR sofreu uma interrupção brusca e as atividades foram descontinuadas, gerando desafios operacionais e administrativos complexos para a equipe, produtoras e as instituições envolvidas. O ebook “Desafios de Gênero na Agricultura Familiar” foi concebido e publicado digitalmente no repositório da UFU reunindo informações estratégicas sobre o público-alvo do projeto, uma vez que as ações práticas não tiveram continuidade.

A experiência acumulada no desenvolvimento de ambos os projetos dos editais PEIC servirá de suporte à implementação de uma Atividade Curricular de Extensão (ACE), seguindo as ações de curricularização da extensão regulamentadas pelo Parecer CNE e pela Resolução CNE de 2018 (Brasil, 2018). Com a reforma do Projeto Pedagógico do Curso de Zootecnia em 2022 (Universidade Federal de Uberlândia, 2022), para atender à referida normativa, a partir de 2026/1 passei a ser responsável por uma ACE com o tema Bem-estar Único, no oitavo

período, que integra os conceitos de bem-estar animal, sustentabilidade e relações humano-animais. Buscando aprofundar a abordagem desses temas, realizei um MBA em Desenvolvimento Sustentável e Economia Circular na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em modalidade remota, impulsionada também pelas experiências vividas junto ao Núcleo AMUR. Para viabilizar as atividades da ACE, resgatei o EBA, agora denominado Estudos em Bem-estar Aplicados, o qual passará a se constituir como um projeto “guarda-chuva” das ações desenvolvidas no componente curricular, ainda em fase inicial de planejamento e execução. O tema Bem-estar Único permite integrar ao EBA e ao componente curricular diferentes frentes de atuação, incluindo as experiências desenvolvidas nos projetos voltados à agricultura familiar.

6. DOCÊNCIA, FORMAÇÃO DE ESTUDANTES E PESQUISA

A docência é um processo de construção que se iniciou ainda durante o doutorado. Apesar de ser bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e nesta modalidade não haver obrigatoriedade do estágio de docência, diferentemente das bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), meu orientador exigia que seus alunos de doutorado ministrassem algumas de suas aulas nas disciplinas de graduação. A experiência em sala de aula durante o doutorado foi um aprendizado importante, mas ainda muito distante da desenvoltura exigida de um professor universitário. Dentro do Programa de Pós-Graduação em Produção Animal cursado, não havia componentes curriculares voltados à formação pedagógica dos pós-graduandos, apenas as disciplinas de seminários, que contribuíram para o desenvolvimento das capacidades de comunicação oral, porém eram direcionadas principalmente à apresentação de projetos e resultados de pesquisa, não contemplando a preparação para a atividade docente daqueles que seguiriam carreira universitária.

O período na iniciativa privada contribuiu para o aprimoramento de habilidades de comunicação oral, de treinamento de pessoas, e de relacionamentos interpessoais, contudo, o contato efetivo com a sala de aula, em toda a sua complexidade de atribuições, ocorreu somente quando assumi a função docente na UNIVASF. A atuação direta no processo de aprendizagem teve que coexistir com as atividades de pesquisa, extensão e gestão; entretanto, ao ingressar em uma universidade ainda em consolidação, essas dimensões da vida acadêmica foram, em grande parte, sobrepostas pelas diversas responsabilidades administrativas inerentes ao processo de implantação institucional. Mesmo que a formação recebida não contemplasse amplamente os saberes necessários ao fazer docente, essa competência começou a ser construída ao longo da experiência profissional, e, simultaneamente às demais tarefas exigidas.

Ao ingressar na UFU, o cenário permaneceu semelhante quanto à complexidade das tarefas e à necessidade de estruturação institucional, mas acrescentaram-se novas disciplinas, nas quais eu não tinha experiência prévia, o que motivou a busca por especializações, como em bem-estar animal e áreas correlatas, de modo a atender plenamente a um campo que passaria a ser de relevância na minha prática docente. No início da minha carreira docente me espelhava e reproduzia os métodos dos professores que fizeram parte da minha formação, e

aos poucos eu fui encontrando a minha identidade própria de atuação, que continua em permanente transformação.

Comecei a me interessar por ampliar os conhecimentos sobre a prática docente e, em 2014, fiz o curso “Docência Universitária”, promovido pela UFU, quando tive conhecimento de metodologias ativas de ensino e passei a incorporá-las nas minhas disciplinas. Ainda em 2014, realizei um curso de “Programação Neurolinguística”, oferecido por um instituto privado, que, apesar de ter uma linguagem corporativa, trouxe conhecimentos que se mostraram úteis em sala de aula, como sistemas representacionais, ancoragem e a noção de que todo comportamento tem uma intenção positiva, o que tira o docente do julgamento automático do aluno.

Ao mesmo tempo, desejava me aprofundar no ensino na área de bem-estar animal, pela lacuna desse tema na minha própria formação e por não haver ainda na FMVZ outros docentes abordando o assunto além da sala de aula. Dessa forma, juntamente com uma colega, no fim de 2015, começamos o Grupo de Estudos em Bem-estar Animal, o GEBEA, que tinha como objetivo aprofundar temas discutidos fora do âmbito da disciplina, que, na época, era optativa e não possuía uma procura substancial por parte dos alunos. Inicialmente, trazíamos temas que estavam em evidência na mídia, ou assuntos sugeridos pelos discentes, de acordo com seus interesses. O grupo no começo contava com poucos alunos e apenas comigo e com minha colega como docentes, sendo posteriormente ampliado com o convite para outros docentes integrarem a equipe. Convidamos os próprios alunos para ministrarem palestras para a comunidade acadêmica, em eventos denominados #BEAEXPRESS, e o grupo começou a se expandir, a pedido de alguns docentes, para mais de trinta participantes. Em 2017, dentro da temática do bem-estar, ministrei uma palestra sobre “Relações Harmônicas entre os Seres Humanos e Animais”, no I Simpósio sobre Relações Harmônicas entre Seres Humanos e Animais”, promovido por uma colega da FMVZ, tendo os alunos do grupo como colaboradores na organização. O grupo começou a perder força em 2018, pois havia crescido muito e ganhado uma configuração de sala de aula, com pouca interação entre os participantes e reduzida contribuição coletiva. Somou-se a isso a mudança para o Campus Glória, que impedia a realização de reuniões após as 18 horas, como era a dinâmica até então, e o grupo acabou se desfazendo.

Ainda em 2017 participei do curso “(Re) Inventando a Prática Docente”, também oferecido pela UFU, dando continuidade ao meu processo de capacitação pedagógica, e, por

meio das trocas com os colegas, aprofundei o uso do Moodle como Ambiente Virtual de Aprendizagem e passei a explorar os seus recursos educacionais de forma mais ampla, utilizando-o não apenas como um repositório de materiais, mas realizando também atividades avaliativas em laboratório de informática, sob minha supervisão. Em 2018 incorporei o uso de portfólios nas disciplinas, buscando ampliar o registro da aprendizagem para além das anotações convencionais, valorizando também a expressão criativa dos estudantes, e no ano seguinte, participei do IV Congresso de Inovação e Metodologias do Ensino Superior, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, expandindo, mais uma vez, os recursos e ferramentas para a minha prática docente.

A experiência docente é uma construção contínua, pois diversos desafios vão sendo apresentados ao longo da carreira, exigindo adaptações e mudanças de postura constantes. Na pandemia, durante o período de suspensão das atividades, até que a UFU se organizasse para o ensino remoto, participei de diversos eventos com foco em estratégias pedagógicas e uso de recursos, oferecidos pela instituição, como: “Como configurar meu curso EAD?”; “Webinar PPGEb Educação em tempos de pandemia”; “Estratégias pedagógicas para o Ensino Remoto”; “A proposta de ensino remoto para os cursos de graduação da UFU”; “I Seminário PROVIFOR-UFU: Educação, Tecnologias e Metodologias para o Ensino Remoto Emergencial e “Microsoft Teams para docentes no ensino remoto”. Periodicamente, me reunia com duas outras colegas para discutirmos as ações apresentadas nos eventos e as experiências que estavam sendo desenvolvidas em outras faculdades e universidades, de modo a nos preparar para a oferta das disciplinas de forma síncrona e assíncrona. Eu já utilizava regularmente o Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle) nas minhas disciplinas, o que facilitou a construção, aplicação e correção de atividades remotas.

Após a pandemia, no fim do primeiro semestre de 2022, na volta às aulas presenciais, as demandas da docência novamente se modificaram, destacando-se a necessidade de recuperar a atenção dos alunos que haviam cursado parte da graduação, ou mesmo do ensino médio, de forma remota, o que se refletia em lacunas importantes na capacidade de concentração, e retomei o uso de portfólios para essa finalidade. Mais recentemente, novos desafios começaram a se impor, especialmente a concorrência com as redes sociais e o uso da inteligência artificial pelos discentes, exigindo novas soluções de enfrentamento na docência. Na busca de estratégias para essa finalidade, desenvolvi um tipo de registro reflexivo de aula, que estimula a anotação, a reflexão e o desenvolvimento do senso crítico; ferramenta que tem

sido bem aceita pelos alunos no semestre atual e tem apresentado indícios iniciais de ganhos na aprendizagem, não conclusivos ainda, uma vez que ainda está em fase de implantação.

Durante o período na UNIVASF, não houve tempo hábil e estrutura para a orientação individual de alunos em pesquisa, e tive alguns trabalhos ainda sendo publicados como fruto das atividades da equipe de doutorado. Na UFU, nos anos iniciais, houve apoio a eventos realizados para a graduação, como a organização do I Simpósio Brasileiro de Produção de Ruminantes no Cerrado, do I Miniciclo de Palestras, I Semana da Zootecnia e da II Semana de Zootecnia, todos realizados em 2013, além da editoração dos anais desses eventos; e, exceto o Simpósio, todos foram organizados pelo PET Zootecnia, que havia iniciado suas atividades em 2012. As primeiras atividades desenvolvidas no âmbito da Zootecnia contavam com a participação ampla de todos os docentes, visto que o curso estava em fase inicial de implantação, e o quadro docente era pequeno e estava incompleto.

Comecei a orientar os primeiros alunos em 2014, nas modalidades de estágio, projetos de ensino, iniciação científica e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois, para este último, os discentes só podiam realizar a matrícula no oitavo período, e o curso ainda não tinha atingido essa etapa por ter iniciado suas atividades em 2010. Os eixos temáticos das orientações que desenvolvi se mostraram bem diferentes daqueles que haviam feito parte da minha formação na pós-graduação. Com a dificuldade de conduzir experimentos avícolas na UFU na época, as pesquisas passaram a abranger temas como caracterização de sistemas produtivos e de mercado consumidor na região de Uberlândia, qualidade de ovos comercializados em feiras livres, levantamento de perfis de mercado e de consumidor, e projetos semelhantes. Compreendendo a área de bem-estar, elaborei trabalhos avaliando o bem-estar de diferentes espécies, como leitões recém-nascidos, equinos utilizados em equoterapia, além de levantamento do conhecimento sobre o tema para produtores, trabalhadores e na comunidade em geral, bem como a avaliação do índice de empatia dos alunos dos cursos de agrárias, entre outros. Na área de rações também desenvolvi alguns projetos, e os assuntos, abrangendo as três áreas, foram tão variados que um dos TCCs gerou, inclusive, uma patente de programa de computador para a avaliação de produtividade de granjas de postura. Procurei, ao desenvolver esses projetos, atender tanto às necessidades institucionais, quanto aos interesses dos alunos, realizando trabalhos em áreas muito distintas umas das outras. Como consequência, minha atuação em pesquisa ficou muito ampla, sem que houvesse a concentração de esforços em uma única linha de investigação.

7. SÍNTESE GRÁFICA DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Como a trajetória acadêmica foi descrita em eixos narrativos, e não em uma sequência estritamente cronológica, a Figura 1 representa uma síntese gráfica da sobreposição temporal dessas dimensões da atuação acadêmica, traduzindo visualmente a estrutura adotada neste memorial.

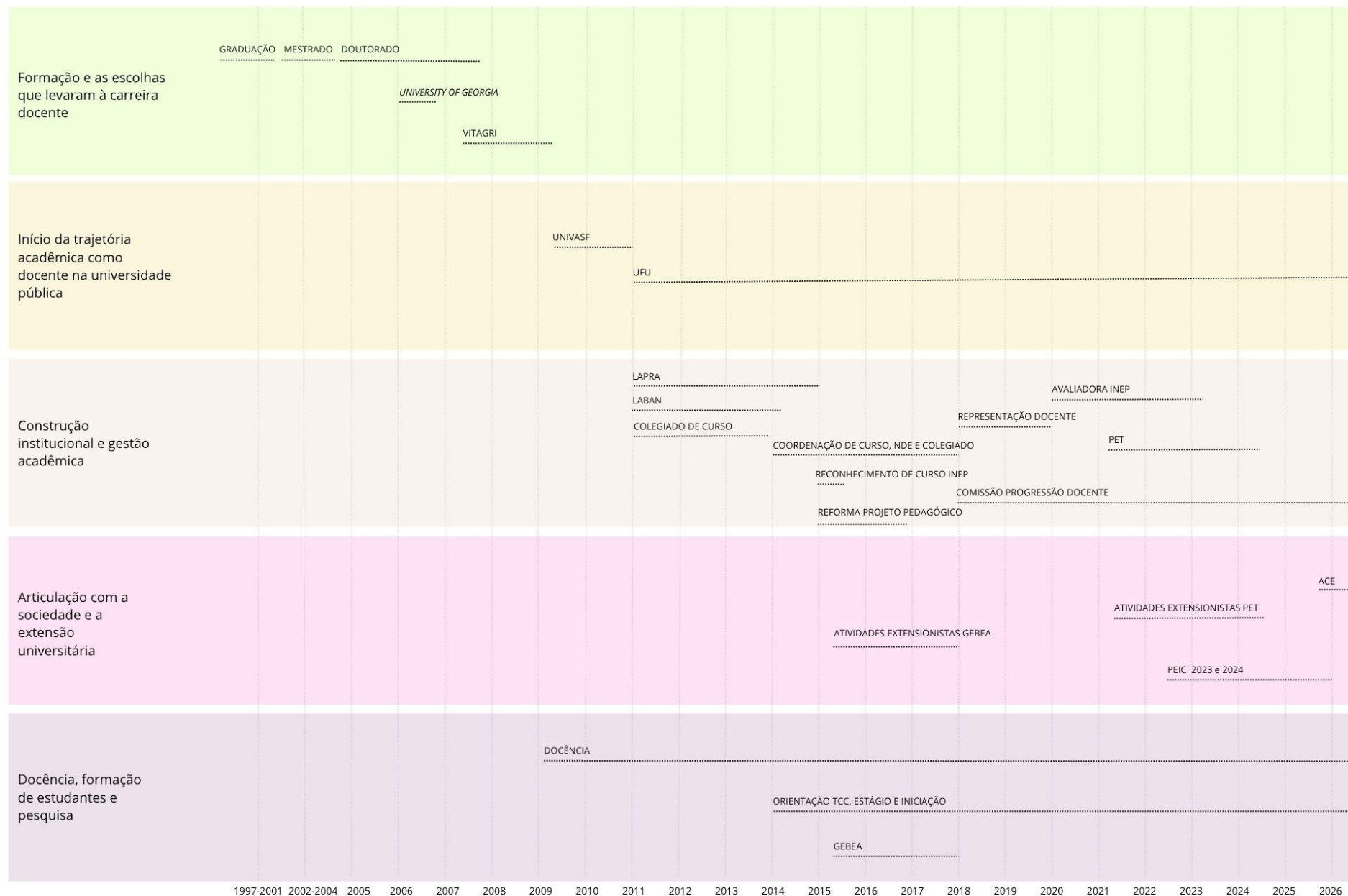


Figura 1 - Sobreposição temporal dos eixos narrativos que estruturam este memorial.

Fonte: Elaborado pela autora.

8. REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E O TRABALHO UNIVERSITÁRIO

A escrita do memorial provoca uma releitura de toda a trajetória acadêmica em um momento único, que possivelmente não seria realizada espontaneamente sem essa etapa da progressão funcional. Esse processo impõe ao docente um olhar atento sobre os fatos e a sua cronologia, evidenciando uma trajetória de adaptação e desenvolvimento da prática docente ao longo de muitos anos. Nesse percurso ocorreram, simultaneamente, diversas transformações também no âmbito pessoal, as quais passam a ser relidas em conjunto, mesmo que não plenamente expressas no documento.

A minha experiência com a vida acadêmica se iniciou ao integrar a equipe de pesquisa do meu orientador, o que significava estar em uma universidade renomada e estruturada, constituindo um dos campi mais prósperos da Unesp. A área de avicultura dispunha de toda a estrutura necessária à execução das atividades: diversos galpões e equipamentos, fábrica de ração e abatedouro, além de funcionários para auxiliar nos processos. Meu orientador tinha um currículo de pesquisa muito ativo, com aprovações frequentes de auxílios-pesquisa na FAPESP e outras agências de fomento, bem como de projetos e bolsas para os estudantes a ele associados. Nessa organização de pesquisa, mantinha também um ecossistema de hierarquia de orientandos, que, por sua vez, sustentavam o fluxo de realização de todas as atividades relacionadas à pesquisa, da concepção dos projetos à solicitação de auxílios, execução prática, análise e publicação dos resultados. Esse cenário foi o pano de fundo da minha pós-graduação e moldou, mesmo sem perceber na época, uma ideia da atuação profissional dentro do ambiente acadêmico. Contudo, ao ingressar como professora universitária, o cenário que encontrei foi bem distinto.

Após a experiência na indústria de rações, retornei à vida acadêmica como docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na cidade de Petrolina, interior de Pernambuco, localizada no semiárido nordestino. Embora a universidade tenha sido criada alguns anos antes do programa REUNI, a expansão promovida pelo programa foi fundamental para a implantação do Campus de Ciências Agrárias, onde atuei. Ao contrário do contexto que marcou minha formação na Unesp, com infraestrutura consolidada, na UNIVASF me deparei com uma universidade em processo de construção, em que muitas condições básicas para a atuação acadêmica precisavam ser criadas, estruturadas e organizadas, desde o ensino até a pesquisa.

Outra característica relevante desse contexto foram meus colegas contemporâneos, todos igualmente jovens e iniciando a construção de suas trajetórias acadêmicas, com desafios semelhantes em cada uma de suas áreas. A universidade, nesse período, ainda construía sua própria identidade institucional; assim, fui aprendendo a transitar pelas demandas do serviço público federal e pelas particularidades da vida universitária docente de forma bastante distinta tanto da minha experiência na iniciativa privada, quanto daquela vivenciada na Unesp.

Com a decisão de voltar para o sudeste e o ingresso na UFU, o ambiente que encontrei trazia semelhanças com aquele vivido em Petrolina, embora em com algumas diferenças institucionais. Ingressei em uma graduação também criada no âmbito do REUNI, cuja aula inaugural havia ocorrido apenas um ano antes da minha chegada. A necessidade de estruturar um curso em fase inicial era semelhante àquela vivida na UNIVASF. Entretanto, enquanto na UNIVASF a própria universidade ainda construía sua identidade institucional, na UFU o curso de Zootecnia surgia em uma unidade acadêmica consolidada, na qual o curso de Medicina Veterinária completava, no mesmo ano de criação da Zootecnia, quatro décadas de existência. Essa coexistência de diferentes temporalidades institucionais acrescentava uma nova camada aos desafios do início da carreira docente.

Novamente encontrei uma geração de docentes iniciando suas carreiras, agora inserida em uma instituição que possuía já uma cultura organizacional própria, estruturas, espaços e carreiras consolidadas, em contraste com um curso que ainda buscava sua própria identidade e sua própria estrutura. Nesse contexto, as expectativas sobre a universidade e compreensões sobre as prioridades institucionais nem sempre produziam visões coincidentes sobre os desafios que se apresentavam. Esse panorama fez com que os esforços iniciais da carreira na UFU fossem direcionados à defesa das necessidades do curso, à ampliação das instalações existentes e dos recursos inicialmente disponibilizados pelo REUNI, somados às ações de reconhecimento de curso pelo Inep e estruturação pedagógica.

Nos primeiros anos do curso, as divergências sobre as prioridades institucionais manifestavam-se em discussões sobre a ocupação de espaços físicos, a destinação de recursos, a definição de investimentos e a adequação de estruturas acadêmicas às demandas que emergiam com a consolidação do corpo docente. Esses processos exigiam negociação e articulação constantes, evidenciando que a construção de uma identidade institucional implicava a convivência com diferentes compreensões sobre a própria universidade.

Esses processos duraram do meu ingresso até o fim do meu período na coordenação do curso de zootecnia, em abril de 2018, ano em que a minha unidade acadêmica se mudou para o Campus Glória, e as mudanças promovidas ao longo dos anos, que orientaram até então minha participação institucional, passaram a se consolidar, diminuindo a necessidade de intervenção nessas esferas. Os primeiros nove anos da minha atuação docente foram dedicados intensamente à organização dessas bases coletivas.

Enquanto direcionava a minha atenção às demandas da implantação institucional, passei a refletir sobre a transição natural entre esse período que se consolidava, de construção coletiva, e o direcionamento a partir de então de esforços para o desenvolvimento de frentes específicas de atuação.

Planejei, assim, a partir do ano seguinte, ampliar minha atuação na extensão, a qual pretendia integrar de forma mais consistente às minhas atividades, quando a pandemia suspendeu os planos coletivos por um período inicialmente indeterminado, o que na UFU se estenderia por 26 meses. Nesse contexto de excepcionalidade, a oportunidade de assumir a tutoria do Grupo PET permitiu dar continuidade ao trabalho de gestão acadêmica sob uma nova perspectiva. Motivada pela experiência acumulada, seguindo ainda na atuação em gestão, após concorrer às eleições para diretoria da unidade e, com o encerramento da minha participação nesse processo eleitoral, me dediquei às atividades planejadas antes da Covid-19, que foram retomadas poucos meses após o período de isolamento.

Este percurso não foi um caminho inicialmente planejado, mas uma direção que resultou dos contextos que encontrei ao longo da minha trajetória. Esta releitura também revelou um padrão de comportamento e atuação presente desde a minha graduação: meu aprendizado inicial se deu em ambientes de trabalho fortemente estruturados e sustentados por equipes consolidadas, enquanto minha atuação subsequente nas universidades concentrou-se em cursos em construção, moldando uma prática voltada às necessidades coletivas. Concentrei esforços nessas esferas também porque encontrei uma identidade nessa forma de atuação institucional, o que me permitiu vivenciar a universidade para além do meu próprio desenvolvimento individual.

Grande parte da atuação administrativa e de ensino do docente sustenta a vida universitária, envolvendo responsabilidades e decisões éticas e coletivas. Essa atuação reflete a própria essência da universidade, construída na indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, de acordo com o Art. 207 da Constituição Federal de 1988, regulamentada pela

Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases (Brasil, 2006). Na prática pedagógica, essa integração se materializa quando o ensino deixa de ser mera transmissão de conhecimento e passa a produzi-lo, pois ao se usar metodologias ativas, está se aplicando o método científico dentro da própria sala de aula.

Ciente de que as circunstâncias institucionais moldam as trajetórias e constroem identidades profissionais, e de que as estruturas podem favorecer ou dificultar diferentes formas de atuação, assim como atribuir valores simbólicos distintos às atividades desempenhadas, compreendo a importância das experiências vividas. Na verdade, essa releitura revela características que se apresentam quase como uma verdadeira ressignificação da carreira, a partir do reconhecimento de aspectos da minha personalidade que se sobressaem, como a capacidade de pensar em processos e sistemas, a organização de estruturas, a objetividade nas execuções, o trabalho coletivo e o senso crítico e de justiça que sempre me acompanharam na tomada de decisões. Reconhecendo esse percurso, não encerro aqui uma caminhada, mas reorganizo e integro aquilo que fui ao longo dessa trajetória para seguir construindo o que ainda está por vir, agora com maturidade institucional.

9. PERSPECTIVAS E CONTINUIDADE

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos para sabermos o que seremos.

Paulo Freire
Educação e Mudança

A apresentação e a defesa deste memorial, bem como a oportunidade de releitura proporcionada pela sua elaboração, acontecem em 2026, ano em que completo 15 anos de dedicação exclusiva à Universidade Federal de Uberlândia e 17 anos de atuação no Magistério Superior.

A contemplação do percurso profissional por meio da construção deste documento evidencia que este não é apenas um registro cronológico, mas um momento de ressignificação, ao permitir a reflexão sobre as escolhas realizadas ao longo do caminho e sobre as circunstâncias em que elas se apresentaram. Nesse processo, tornou-se mais evidente a dimensão coletiva da construção institucional que sustentou grande parte dessa atuação.

Na carreira docente, a promoção à Classe de Professor Titular ocorre, simbolicamente, na metade da caminhada prevista para o exercício da função, sinalizando que este marco não representa um ponto de chegada, mas um reposicionamento consciente. A experiência acumulada não cristaliza identidades, tampouco enrijece as possibilidades; ao contrário, favorece a maturidade institucional e fornece o alicerce para contribuições futuras mais integradas.

O amadurecimento conquistado ao longo da vivência profissional e aprofundado pela elaboração deste memorial fornece um pano de fundo para as futuras contribuições à vida acadêmica universitária. Esta reconexão, longe de indicar o encerramento de uma trajetória profissional, permite reconhecer onde habilidades e competências podem ser melhor investidas, favorecendo simultaneamente o desenvolvimento pessoal e institucional.

Dessa forma, para o próximo ciclo na Universidade Federal de Uberlândia, tenho como objetivo concentrar esforços no projeto EBA (Estudos em Bem-estar Aplicados), concebido como um projeto “guarda-chuva” para as ações da Atividade Curricular de Extensão, tendo como eixo o Bem-estar Único, e integrando atividades relacionadas à sustentabilidade,

relações humano-animais e bem-estar animal no contexto da extensão universitária, a partir das experiências desenvolvidas junto à agricultura familiar.

Pretendo dar continuidade ao uso de registros reflexivos de aula e metodologias ativas, buscando aperfeiçoar a adaptação do ensino em sala de aula ao perfil dos discentes contemporâneos e aos desafios trazidos pelas novas tecnologias e pelo uso de redes sociais na formação dos alunos.

No âmbito das contribuições para a vida coletiva da instituição, mantenho o compromisso de atuar, sempre que houver oportunidade e necessidade institucional, em órgãos deliberativos como colegiado de curso, NDE e similares, bem como em instâncias de atuação mais abrangentes, preservando o contato com a perspectiva multifacetada da vida acadêmica e com as ações de sustentação cotidiana da universidade pública, que marcaram parte significativa da minha atuação profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 jun. 2026.

BRASIL. *Lei nº 10.473, de 27 de junho de 2002*. Institui a Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10473.htm. Acesso em: 16 jun. 2026.

BRASIL. *Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007*. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 16 jun. 2026.

BRASIL. *Portaria nº 982, de 3 de outubro de 2013*. Estabelece as diretrizes gerais para o processo de promoção à Classe E (Professor Titular) das Carreiras de Magistério Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: https://proreitoria.unifesp.br/propessoas/images/docs_oficiais/Portarias/portaria982_MEC_2013.pdf. Acesso em: 23 jun. 2026.

BRASIL. *Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior 2018. Disponível em: https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/resolucao_n_7_de_18_de_dezembro_de_2018_-_diretrizes_para_a_extensao_na_educacao_superior.pdf. Acesso em: 5 jul. 2026.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_educacao_e_mudanca.pdf. Acesso em: 5 jul. 2026.

MACHADO, Antonio. *Campos de Castilla*. Madrid: Renacimiento, 1912. Disponível em: <https://www.suneo.mx/literatura/subidas/Antonio%20Machado%20%20%20Campos%20de%20Castilla.pdf>, Acesso em: 5 jul. 2026.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022. Disponível em: <https://impresanacional.pt/wp-content/uploads/2022/03/PoemasRicardoReis.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. *Projeto de Criação do Curso de Graduação em Zootecnia*. Uberlândia: UFU, 2010. Disponível em:

https://fmvz.ufu.br/system/files/conteudo/projeto_pedagogico_do_curso_de_zootecnia_versao_2010.pdf. Acesso em: 18 jun. 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Zootecnia*. Uberlândia: UFU, 2016.

Disponível em: https://fmvz.ufu.br/system/files/conteudo/ppc_2016-aprovado_conselho_com_anexos.pdf. Acesso em: 18 jun. 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Zootecnia*. Uberlândia: UFU, 2022.

Disponível em: https://fmvz.ufu.br/system/files/conteudo/ppc_2022_final.pdf. Acesso em: 18 jun. 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Conselho Diretor. *Resolução nº 3, de 2017*.

Estabelece normas para a avaliação de desempenho docente para fins de progressão e promoção na Carreira do Magistério Superior. Uberlândia: UFU, 2017. Disponível em:

https://progep.ufu.br/sites/proreh.ufu.br/files/conteudo/legislacao/leg_atacondir-2017-3.pdf, Acessado em: 10 jun. 2026.